

A VERDADE

ORGÃO CATHOLICO

Com autorisação do Exmo. Sr. Bispo Diocesano



REDACTORES: P. P. MANFREDO LEITE E FRANCISCO TOPP

VERITAS LIBERABIT VOS (S. João 8, 32.....)

CHARITAS CONGAUDET VERITATI (1. Cor. 13, 6.)

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

CAPITAL		EXTERIOR	
Por um anno . . .	5\$000	Por um anno . . .	5\$500
Por 6 mezes . . .	3\$000	Por 6 mezes . . .	3\$500

Publicação semanal Pagamento adiantado

Acceptam-se artigos de colaboração, que poderão ser dirigidos ao gerente Jacintho Simas

CALENDARIO

- 12 de Julho—Domingo: S. João Gualberto, abade na Itália, 1073. Santa Marciana, martyr na Hespanha, 306. S. Nabor, martyr em Milão 304.
 13 Segunda-feira—S. Anacleto, papa e martyr, 91.
 14 Terça-feira—S. Boaventura, bispo e doutor em Lyão, 1274.
 15 Quarta-feira—Ss. Ignacio de Azevedo e Socios, martyres brasileiros, 1570. S. Henrique, imperador alemão, 1024. S. Catulino diocono 401.
 16 Quinta-feira—Nossa Senhora do Carmo.
 17 Sexta-feira—S. Aleixo, confessor em Roma, 417. S. Aeylino, martyr em Carthago, 202.
 18 Sábado—S. Camillo de Lellis, confessor em Roma, 1614. S. Symphorosa martyr 272. S. Frederico, bispo e martyr na Hollandia, 888

A DESCRENÇA

III

Está comprovado, e não ha negar, que os grandes factôres da descrença são a deficiente educação do lar, a falta dos desvêlos da familia, o livro ligeiro e facil, eivado de scepticismos e repleto de immoralidades, o desprezo vil e mesquinho atirado a tudo quanto se relaciona com a fé, e a indiferença esmagadôra com que se tratam os assumptos importantissimos que constituem a essencia da religião.

Foi tudo isso uma escala descendente que levou a alma ao fundo do abysmo, onde não se encontra a vida e onde não móra mais a esperança.

O coração contaminou-se da gangrena dos vicios, depois que o espirito se tornára rebelde.

Um e outro, desamparados, sem bussola, sem estrella polár, errando á mercê das paixões e dos instinctos máos, acharem-se um dia empolgados pelo tédio excruciante, nascido do abandono de Deus.

Desde então, foram possiveis e até permittidos todos os desmandos. Na vida privada e intima, appareceram os excessos vergonhosos que poderiam unicamente ser obstados e contidos pela severidade da Moral. Na vida social, a liberdade se converteo em licença, a ambição tornou-se uma justificativa para todos os delictos e para todos os desregramentos. O gozo foi o fim ultimo e o alvo de todas as aspirações.

A authority, as leis, as penas, a ho-

nestidade, a honra, a nobreza d'alma, a convicção, a lealdade, tornaram-se pesadéllos dos quaes era mister libertar-se. Uma logica terrivel, mas verdadeira, deo essa convicção.

Si a consciencia não tem Deus, nem Arbitro; si o homem finda no tumulto; si a vida é uma batalha, em que succumbe o fraco e triumpho a forte; si o destino humano completa-se na terra, para que haver embaraços, e levantar barreiras aos desejos e ás paixões?

Que importa o direito? Que importa a sancção, a authority, o carcere, a propria morte?

No coração, dominado pela descrença mais vivo e mais intenso despertou o instincto da felicidade, pyra ardente que nos devóra os holocaustos mais formosos de nossa existencia, idolo sagrado, a cujos pés nos prostramos todos os dias, para todos os dias sermos ludibriados.

A fé sabe com certeza invencivel onde a felicidade habita. Para sua mansão, constellada de gozos infinitos, ella se abalança sempre, embora a dôr a despedace, e a vida seja um martyrio, feito de torturas e de agonias.

E por isso consola-se, tem resignação na sua alegria do futuro.

A descrença não sabe onde está a felicidade. Perdeo-lhe o caminho, ignora-lhe o rumo. Por isso, anceia, lucha, afana-se, desespera, doideja. E a terra alastra-se de cadaveres. São as victimas dos que procuram a felicidade. Byron, o poeta do Child Harold, desejando encontra-la, vai pedil-a á gloria. E na sua propria terra natal encontra o desprezo e o escarneo.

Passeia depois seo coração deserto pelas cidades e pelos lagos adormecidos, chorando desconsolado, e assistindo á morte do seo unico amigo na terra,—seo cão—, ao qual levanta um mausoléo.

Refugia-se no seo isolamento, e vai morrer, alanceado de angustia na bella Misso-longhi, repudiando a gloria, maldizendo a vida, e cantando a morte em fremitos de desesperos.

Göthe, com sua formosa cabeça de Jupiter Olympico, embriaga-se na contemplação da natureza, pedindo-lhe a luz que foge para sempre de seos olhos caçados. O destino trahio-o.

Farcy demanda as plagas americanas para espaiar-se, sob os céos azues, sua acabrunhadôra e mortal melancholia.

Leopardi, o grande poeta italiano, pede ao amor a felicidade. Sua lyra vibra aos cantos da febre, do desespero, da dôr e da

nostalgia do Deus perdido, para despedaçar-se nas convulsões infernaes de um sofrimento sem nome. O amor dá-lhe vertigens, e apunha-la-o depois.

Henrique Heine, o cantor das ironias, para ser feliz, faz-se companheiro do sarcasmo. E o sarcasmo atira-o a um leito de ortigas, e mata-o ferozmente.

E Musset, a creança sublime, bebendo absyntho, chorando sobre o travesseiro, debaixo do qual dorme seo Novo Testamento,—que gritos não exhala Musset!

Pede esperanças, pede ser consolado, ao menos uma tarde. Não quer morrer, para decifrar o enigma da vida. E a morte arrebatou-o, quando por entre estertôres e agonias prolongadas, aos seos ouvidos chegam os rumores de uma dança voluptuosa, na casa contigua áquella em que expira.

Si descermos a planos inferiores, assistiremos a não menos dolorosos e pungentes espectaculos. De tempos a tempos, pelas sociedades passam convulsões que nos enchem de pavôr.

Ambições inconfessáveis, desencadeando-se sinistras, ameaçam a estabilidade dos póvos e das nações, derramando por toda a parte o terrôr e a confusão, chegando a abalar profundamente as bases do poder, e visando destruir os principios da authority. Bem estudadas as causas dessas commoções, descobriremos a descrença fermentando, no seio das massas, das sociedades nefastas, das associações e dos centros, ódios, desconfianças, vandalismos e planos negregados. Faz-se a explosão: e surdem as vindictas na bomba de dynamite de Ravachol, ou no punhal enfeitado de Cesario Santi.

Despresado Deus, tambem consequentemente despresa-se o homem.

Esquecido o céo, esquece-se tambem a patria terrestre.

Sendo mentira e illusão a vida futura, não ha motivos para que se não melhora a vida presente, empunhando o camartello da destruição contra todos os obstaculos que nos privam do gozo, do bem-estar e da felicidade.

M. L.

— « » —

OS ESPIRITOS FORTES E „O MYSTICISMO DE FRADES”

Nos nossos dias grita-se contra as tendencias que a religião suscita em nós com as suas esperanças; pretender-se-hia que os nossos pensamentos estivessem sempre fixos na terra, que o homem não aspirasse senão aos bens e ás felicidades

d'este mundo. Diz-se que é uma loucura distrahir o homem dos cuidados da vida presente com as promessas da vida futura. Os espiritos fortes dos nossos dias chamam ás consolações da religião, mysticismo de frades e de freiras!

Linguagem de egoistas! Linguagem digna de quem sacrifica tudo ao ouro e á prata; linguagem digna de quem não crê senão no que vê, no que pesa e no que conta!

Mas que pretendem estes homens, que declaravam guerra ao ceo? Acaso nunca soffreram, nunca choraram, nunca viram morrer? Acaso não experimentaram nunca a insufficiencia dos meios humanos para alliviar as penas, para consolar a dôr? Acham talvez que é pouco banhar esta terra maldicta com os nossos suores e as nossas lagrimas e, querem privar-nos até das nossas esperanças? Deveremos então fechar a nossa alma em um negro sepulcro sem uma abertura para a eternidade? Não será então permittido ao pobre prisioneiro, que geme em horrenda enxovia, mover as suas cadeias, avizinhar-se a uma fresta para respirar por um instante o ar puro e contemplar o azul do ceo?

Grande Deos! Que seria de nós sem a esperança?! Quem nos daria a força para resistir ás perseguições da calúnia, do odio e da prepotencia, se a esperança não nos mostrasse uma justiça que vindica a virtude opprimida e espezinhada?! Quem susteria a fraqueza humana quando as misérias e os soffrimentos se desencadeiam sobre uma pobre existencia, se a esperança não fizesse raiar aos nossos olhos a aurora de dias melhores?!

Oh! renuncie embora o impio á esperança do ceo! contente-se, revolve-se embora o incredulo no lixo da terra! Excitará a nossa piedade. Mas com que direito vem elle semear as suas doutrinas no mundo? Com que direito vem insultar o povo que trabalha, que soffre, que geme,

que vive somente de privações, tirando-lhe o unico conforto que lhe resta, a esperança do ceo?

Tirar a quem soffre o que pode mitigar a sua dôr, o que pode enxugar-lhe uma lagrima, ainda que fosse uma illusão, é uma crueldade de barbaros, é uma maldade revoltante. Sim, tirar a quem soffre a esperança do ceo é tirar-lhe o ultimo conforto, é tirar ao naufrago a ultima taboa de salvação, é impellir-o para o abysmo da desesperação, é dizer ao homem: «Soffre, chora, supporta a fome, a sede e o frio, e depois não terás nada.»

Pode dar-se maior barbaridade?!

Não, não é esta a nossa condição sobre a terra. A nossa condição neste mundo é a d'um pobre exilado que só está por pouco tempo longe da patria. Passarão estes dias de exilio, quebrar-se-hão estas cadeias que têm prisioneira a nossa alma.

Esta nossa esperança apoia-se em um fundamento inconcusso: a palavra de Jesus Christo.

«Bemaventurados os pobres; bemaventurados os que choram, bemaventurados os que são perseguidos.» Mas não é isto uma ironia cruel? Como é que diz bemaventurados os pobres e affictos?

«Quoniam ipsorum est regnum coelorum.» «Porque d'elles é o Reino dos ceos.»

E' Jesus Christo que o diz, e Jesus Christo é o senhor do Reino dos ceos, porque Jesus Christo é Deos.

Se a esperança d'um lucro fallaz sustem o navegante no meio dos perigos do oceano; se a esperança d'uma colheita incerta torna leves as fadigas do lavrador debaixo dos rigores do inverno e dos ardores do estio; que effeito não produzirá uma esperança, não já fundada sobre a palavra d'um homem, mas da palavra de Deos; uma esperança não já de bens passageiros, mas de bens eternos e celestiaes?

Coragem! Nós trilhamos a dura senda do soffrimento, mas é esta exactamente a estrada que conduz ao ceo. Não ha outra.

HANS STADEN

SUAS VIAGENS E CAPTIVEIRO ENTRE OS SEVALGENS DO BRASIL EM 1547-1555

Os portuguezes que moram em S. Vicente, têm por amiga uma nação brasileira que se chama Tupinikins, cujas terras se estendem pelo sertão a dentro cerca de 80 leguas e ao longo do mar umas 40 leguas. Esta nação tem inimigos, para o lado do sul, os Carijós e, para o lado do norte, os Tabayaras ou Tamoyos, que são pelos francezes contra os portuguezes.

A cinco milhas de S. Vicente ha um canal, denominado Bertioga (corruptel-a do Tupi e quer dizer paradeiro das tainhas), entre a ilha de Santo Amaro e a terra firme. Para impedir este caminho aos indios, os portuguezes tinham começado um forte na ilha, mas não o tinham acabado, porque diziam-me que não tinham artilheiro que se arriscasse a morar alli.

Fui ver o logar. Quando os moradores

souberam que eu entendia de artilharia, pediram-me para ficar no forte e ajudal-os a vigiar o inimigo. Promettiam dar-me companheiros e um bom soldo. Contratei com elles e fiquei no forte com mais tres companheiros. Tinha algumas peças comigo, mas estava sempre em perigo dos selvagens, porque a casa não estava bem segura. Era necessario estar alerta, para que os selvagens não nos surprehendessem durante a noite, o que varias vezes procuraram; porém, Deus sempre nos ajudou e sempre os percebemos.

Depois de alguns mezes veio um official por parte do Rei, o coronel Thomé de Souza, para ver o paiz. Contaram-lhe os serviços que eu tinha prestado, e que eu tinha ficado na casa forte, onde ninguem queria permanecer, por estar muito mal defendida. Isso o agradou muito, e elle disse que ia fallar ao Rei a meu respeito, si Deus lhe permittisse voltar para Portugal, e que o Rei havia de retribuir os meus serviços. Para esta fim, deu-me o coronel, por parte do Rei, as minhas «privilegia»

Evangelho do sexto domingo depois de Pentecostes

(Marc. 8, 1—9)

Naquelle tempo, estando com Jesus uma grande turba e não tendo que comer, chamou seus discipulos e lhes disse: Tenho compaixão deste povo, porque, olhae, ha já tres dias que não se apartam de mim e não tem que comer; e si eu os despedir em jejum para sua casa, desfallecerão no cominho; porque alguns delles vieram de longe. E os seus discipulos lhe responderam: Donde poderá aguem fartal-os de pão, aqui no deserto? Então lhes perguntou: Quantos pães tendes? Elles responderam: Sete. E mandou ao povo que recostasse sobre a terra; e, tomando os sete pães, dando graças, os partiu e os deu aos seus discipulos, para que os distribuisssem. E os distribuiram ao povo. Tinham tambem uns poucos peixinhos; e os abençoou e mandou que lh'os puzessem. Comeram, pois, e ficaram fartos, e dos pedaços que tinham sobejado, levantaram sete cestos. Eram, porém os que comeram perto de quatro mil. E Jesus os despediu.

Explicação. «Tenho compaixão deste povo.» Que tocante exemplo e que grande lição nos dá aqui o Salvador! Vê em torno de si infelizes que têm fome, e apressa-se a prover ás suas necessidades. Todos os dias se offerece a nossos olhos o mesmo espectáculo: é uma viuva atribulada que nos pede um pouco de pão; são pobres orphãos, tiritando de frio, que nos pedem com que vestir-se; é um pobre envergonhado que nos pede em segredo com que contentar o dono da cheupana em que arresta seus tristes dias! Seremos tão duros que lhes recusaremos o soccorro que imploram, si está na nossa mão concedel-o? Ah! «Não contristeis o coração do pobre nem vos demoteis em dar áquelle que soffre. Prestae ouvidos ao pobre sem enfado e respondei-lhe favoravelmente e com doçura. Sêde caridosos, quanto poderdes; si

como é de costume dar aos artilheiros reaes. Mandou tambem o coronel fazer a casa de pedras e pôr dentro alguns canhões, e ordenou-me que zelasse bem da casa e das armas.

Era necessario estar mais alerta duas vezes no anno do que no resto, quando os selvagens inimigos tratavam especialmente de invadir o paiz. Estas duas épocas eram primeiro no mez de novembro, quando amadurecia o abati (milho, para os indios grão preciosissimo, de que faziam bebida fermentada, muito estimada nas suas guerras, além de servir a muito outro mister alimentar).

Ha tambem uma raiz, denominada mandioca, que misturam com o abaté, para fazer a sua bebida, quando voltam de uma guerra e comem os inimigos que capturaram. Tambem em agosto deviamos esperal-os, porque neste tempo vão a caça de uma especie de peixes, chamados piraty (tainha), que então saem do mar para agua doce onde desovam.

(Continúa)

tendes muito, dae muito; si tendes pouco, tende cuidado de dar de boa vontade d'esse pouco que tendes, lembrando-vos de que aquelle que dá ao pobre empresta ao Senhor, e de que o Senhor o recompensará como merece.» (Tob. 4).

«Dae esmola conforme os bens que tendes, e sereis purificados do vossos peccados.» O' vantajosa troca! ó lucrativo commercio! damos dinheiro, que é uma cousa passageira, que não podemos guardar, e recebemos a justiça. Admiravel virtude da esmola!

Está em pé junto do tribunal de Jesus Christo, e persuade ao supremo juiz que seja propicio. A' sua voz abrem-se as portas do ceu, e ella introduz os seus na gloria eterna.

— « » —

S. JOSÉ

Esteve deslumbrante a procissão realzada a 5 do corrente, na cidade de S. José, em louvor do Sagrado Coração de Jesus.

Forramo-nos ao trabalho agradável de descrevel-a, por tel-o feito o nosso illustrado collega da «Republica» na sua edição de 8 do corrente.

Acrescentemos apenas que, ha muitos annos, não presenciámos a um acto de tão grátas impressões, como esse que se passou em S. José.

«A Verdade» congratula-se com o benemerito Apostolado de S. José, e apresenta-lhe os seos calorosos emboras.

— « » —

Os seguros obrigatorios dos operários na Allemanha.—No anno de 1902 receberam do seguro contra desastres 834.566 pessoas 107.205.573 marcos, do seguro dos invalidos 1.100.000 pessoas 121.000.000 marcos, do seguro contra doencas 4.800.000 pessoas 206.000.000 marcos, em tudo..... 6.735.000 pessoas 434.000 000 marcos— em um só anno. Para esta colossal quantia contribuíram o Estado 41.400.000 marcos, os mestres 201.000.000 marcos e os trabalhadores mesmos 182.000.000 marcos.

CATALEPTICA

Em um jornal francez, que nos foi gentilmente mostrado pelo snr. Affonso Micholet, lenios a noticia da morte de Margarida Boyenval, nome talvez desconhecido pela maior parte dos nossos leitores. E com justa razão, pois Margarida Boyenval, assim se póde dizer, passou a metade de sua vida num estado de morte aparente.

Na idade de vinte e dous annos, por motivos de um susto e de um gracejo de uma amiga, Margarida, estherica e excessivamente sensível, foi acommettida de profunda lethargia que se prolongou até dois dias antes de sua morte, occorrida a 28 de Maio do corrente anno. Dormio durante vinte annos, porquanto cahio em estado lethargico a 21 de Maio de 1883.

Em todo esse tempo, nunca deo o menor signal de movimento e de acção. Era alimentada artificialmente. Todos os recursos medicos, que foram muitos e aturados, tornaram-se impotentes para tiral-a desse estado lethargico. Sua casa era um ponto de romaria. Todos queriam vel-a e conhecel-a.

Ultimamente, apparecêra-lhe em um braço um abscesso. Os medicos trataram de fazer-lhe a operação, durante a qual, Margarida começou a dar signaes de sensibilidade, chegando por fim a fallar.

Era' tal, porém, o seo estado de abatimento, tanta a sua magreza, que o seo medico assistente procurou evitar-lhe os minimos esforços, prohibindo terminantemente que se lhe dirigissem perguntas. De tempos a tempos, Margarida dava alguns gemidos, e até levava a mão á uma das pernas, onde outro abscesso se formava. Teve ainda algumas reminiscencias de sua vida anterior á lethargia. Seos orgãos, porém, pareciam estarem condemnados ao completo atrophiamiento. Suppõe-se que se tornára phtysica: d'ahi, em consequencia dos soffrimentos, o seo desper-tar.

Dous dias depois da operação, morria Margarida Boyenval.

Passava do somno da vida ao somno da morte.

— « » —

REVISTA DA SEMANA

RIO.—Foi nomeado para o lugar de Intendente Geral da Guerra o general de divisão João Pedro Xavier da Camara.

—O «Diario Official» publicou o decreto em virtude do qual fica creado o imposto de 11½ por cento, ouro, com applicação ás obras do porto desta capital.

PARIS.—O ex-ministro Waldeck Rousseau fez um discurso no Senado, dizendo que a rejeição dos pedidos de autorisação por parte das congregações, votada pela Camara, foi um acto contrario á lei de 1901 e que as irregularidades na applicação das leis suscitaram a actual situação irritante.

E' necessario, terminou o orador, não abandonar o terreno da legalidade; affirmou tambem que será de 110 milhões de francos o custeio de construcções de escolas e de 12 milhões as despezas de indemnisação pelas violencias praticadas.

MADRID.—Houve uma terrivel catastrophe na ferro-via de Saragoça a Bilbao, desabando a ponte de Malato e precipitando-se todo o trem em um abysmo. O numero dos mortos é de 47 e de 75 o dos feridos.

ROMA 6.—Inspira serios cuidados a saude de Sua Santidade, o Papa, tendo-se aggravado, nestes dias, a enfermidade.

ROMA 7.—Todas as tentativas postas em pratica pelos recursos da sciencia medica foram, pelos medicos assistentes do Papa, consideradas frustradas, accentuando-se toda a impossibilidade de esperança do seu salvamento.

ROMA 8.—O Santo Padre, depois de ter soffrido uma operação, de que se encarregou o dr. Mozzoni com assistencia do dr. Lapponi, recebeu o sacramento da Extrema Uncção. Pedia para ser colloca-

FOLHETIM

(5)

Os Desposados do Céu

III

—Morrer! Tú... oh! não! Ninguem te arrancará dos meus braços. Onde a conduzis? perguntou energica voltando-se para os guardas.

—Ao suplicio, á morte; responderam estes.

—Não, á gloria! murmurou lentamente a santa, levantando seus olhos ao céo.

—Fabricio, disse Dorothea, cahindo nos pés do governador, não haveis de permittir isso. Entregar as feras a minha amiga de infancia, á quem amo como irmã? Oh! não... nunca! Fabricio, sois

bom e justo, de joelho vos imploro. Qual é o seu crime?

—E' christã, respondeu Fabricio com uma severidade tal que repellia novas instancias.

—Mas então...

—Nada posso em seu favor. Si quiser viver sacrifique aos deuses.

Dorothea, banhada em lagrimas, voltou-se angustiada para Julitta, e, sem dizer palavra, deixou cahir sua fronte sobre os hombros da santa martyr.

Theophilo estava agitadissimo, sem saber o que fizesse. Varias vezes tentou, com Fabricio, trazer Dorothea para casa, mas conheceu pelos seus gestos e modos que isso era inutil, e não queria arrastal-a, á força, para não dar escandalo áquella gente.

A multidão emudecêra. O povo romano, embotado nos espectaculos dos circos e das arenas, não o era agora nas scenas deste genero. Os combates dos gladiadores tinham-lhe esgottado todas as emoções phisicas, porém a lucta das paixões

mais elevadas com os instinctos da natureza, esses dramas generosos que só o christianismo sabia representar, eram para elle um espectaculo novo, que começava a inspirar-lhe grande interesse, talvez para mais atçar-lhe a raiva da perseguição que o atormentava.

De repente, Dorothea levantou sua fronte e olhou fitando a joven victima, que lhe sorria enternecida, mais não abalada.

—Escuta, disse em tom supplicante, tú ainda podes salvar essa vida que me é tão cara. Jura pela felicidade de Cezar, jura...

A martyr meneou a cabeça e disse:

—Para que prolongar por algumas horas mais a minha agonia que começa? Vejo o céo aberto... queres tú fechar-m'ó, Dorothea? O que me pedes é indigno da nossa amizade... Deus te perdõe, accrescentou beijando-lhe a face, como si fosse já a sua patrona celeste; porque não sabes o que fazes.

(Continúa)

do na sua poltrona, onde, cercado de cardeaes, vae soffrendo lenta agonia. Toda a imprensa occupa-se da gravidade do estado de saude do chefe da Igreja Catholica.

ROMA 9.—Sua Santidade Leão XIII passou melhor a noute.

O tumor de que soffre em um pulmão e que motivou a intervenção cirurgica, tende a resolver-se.

Não se tem reproduzido o liquido da pleura.

—De toda a parte do mundo chegam ao Vaticano telegrammas dos chefes das nações e de associações catholicas, interessando-se pelo restabelecimento da saude do venerando Pontifice.

— « » —

CARTAS DIRIGIDAS A UM MINISTRO DA EGREJA EVANGELICA POR UM NEOPHYTO DA MESMA EGREJA

DECIMA OITAVA CARTA
(Continuação)

Tambem, honrado Ministro, não podeis appellar para a Igreja catholica, visto a nossa Santa Reforma não lhe reconhecer autoridade alguma. E tambem não lançareis mão desses subterfugios que os nossos paes na fé inventaram como argumentos incontestaveis da divindade da Biblia, quero dizer da tal «sensação interna dos efeitos do Espirito Santo» que se experimenta na leitura desses livros sagrados—nem da tal «convicção da utilidade desses livros para melhorar o coração do homem»—ou do tal «excitamento a sentimentos de piedade»—ou enfim da tal «sensação saborosa» que deleita na leitura desses livros, porque estas são cousas que hoje excitam o riso de todo o homem sensato.

Dizei-me pois, honrado Ministro, a que especie de argumentos me posso socorrer, para provar a veracidade e divindade da Biblia, unico fundamento que tem a nossa Igreja Evangelica? A sinceridade com que se exprimem a respeito muitos nossos Doutores não me permite duvidar. «Uma vez negada a autoridade da tradição, diz Collier (Justificação da revelação: t. 1 pag. 97), não nos resta mais meio nenhum para provar ser palavra de Deus o Velho e o Novo Testamento.» «A autoridade e a veracidade das Sagradas Escripturas, acrescenta Palmer (Tratado da verdadeira Igreja: t. 2 pag. 20), descaçam de um modo muito especial sobre o testemunho da tradição primitiva.»

Talvez me respondereis, senhor Pastor, que com effeito nos é mister recorrer á tradição dos primeiros seculos para provar a veracidade e divindade da Biblia, assim como não poderíamos, sem a tradição, explicar a existencia de certos ritos que dizem respeito ao culto e á disciplina exterior, como seja o baptismo das crianças, a santificação do domingo etc. Pois bem, senhor Ministro, explicai-me a razão, porque vós e vossos collegas nos ensinaes a desprezar a tradição, e fazeis crime de alta traição aos catholicos porque apellam para a mesma?!

Direis talvez que a razão que vos move a ensinar-nos semelhante doutrina é porque os catholicos pretendem, mediante a tradição, provar a existencia de muitos outros dogmas que nós Evangelicos não

aceitamos. Porém, me haveis de permitir dizer-vos que não vejo nisto razão alguma em vosso favor; porque si a tradição pode ser fonte de verdade para provar a veracidade da Biblia, não sei comprehender a razão porque não possa igualmente provar a existencia de outros dogmas. «Receber o testemunho da tradição, observa Reive, um protestante fervoroso (Apologias, t. 1. pag. 48), quando nos agrada, e rejeital-o, embora igualmente claro e universal, quando nos desagradá, é renegar todos os principios de logica e ao mesmo tempo uma prova de inconstancia e má fé sem igual.»

Será assim, honrado Ministro?

Vosso neophyto desgraçado.

— « » —

ACTOS RELIGIOSOS

Domingo.—Missas ás 6 horas no hospital ás 6 1/2 e 8 na Matriz, ás 8 1/2 no Menino Deus e ás 10 1/2 horas Missa solemne com sermão em honra de Santo Antonio.

—As 6 horas da tarde novena de S. Antonio. Segunda, terça e quarta-feira ás 6 horas da tarde novenas de Nossa Senhora do Carmo.

Quinta-feira.—ás 8 horas Missa cantada de Nossa Senhora do Carmo.

—A's 6 horas da tarde novena de S. Vicente de Paulo.

Sexta-feira.—Missa do Senhor dos Passos ás 8 horas no Menino Deus.

—A's 6 horas da tarde novena de S. Vicente de Paulo.

Sabado.—Missa de N. S. das Dóres ás 8 horas na Matriz.

—A's 6 horas da tarde novena de S. Vicente.

— « » —

Livros e jornaes

Recebemos, da Capital Federal, livraria Lavignane, Filho & C. o n. 2, anno I, do «Chic Infantil».

Este excellente jornal de modas para crianças é digno de consulta de toda familia de bom gosto.

—«A Estação», 11 do anno XXXII, jornal de modas parisienses, dedicado ás senhoras brasileiras.

Pelo modo porque tem sabido se conduzir, no programma que traçou, é digna de leitura e merece todos os encomios essa utilissima publicação.

— « » —

O castigo de um Sovina

(Conclusão)

O outro ainda mais colerico e lançando olhares de fogo sobre o pintor—«E' o sr. mesmo o culpado, que mandou expôr meu retrato na rua Magdalena com a escripta: *pres. por dividas.* E' um escandalo, uma deshonra que não tolero: mande-o retirar já, e por este seu atrevimento terá um processo de diffamação.»

«Acalme-se, sr. tabellião, e não pense em processos, que aquelle não é o seu retrato: a sua carta com que m'o devolveu é a prova do que digo.»

Van Spech mordeu os beiços e moderando sua colera disse: «Bom; fico com o quadro pelos tres mil francos para acabar com o escandalo.»

Mas Viertz lhe fez observar que o quadro valia agora muito mais pela mudança por que tinha passado.—«Se o quer, me pagará quinze mil francos, aliás ficará onde se acha.»

O tabellião, desatinado pelas novas exigencias do pintor, retorquiu-lhe: «Isto é uma ladroeira; mas lhe affianço que Van Spech não é tão tolo de gastar seu dinheiro por aquella cousa». E sahiu resmungando.

Chegado, porém, á rua, tornou a pensar no maldito retrato, na sua honra comprometida e voltou sobre seus passos, resolvido a pagar os 15 mil francos.

«Reflecti melhor, disse; passo-lhe uma letra da importancia e o snr. me dê uma ordem para eu retirar o quadro da rua Magdalena.»

Mas o pintor respondeu-lhe: «Depois que o snr. sahiu daqui, eu tambem reflecti melhor e vi que o quadro era muito barato; quero pol-o na rifa e, para vender melhor os numeros, quero mandal-o passear pelas ruas e praças da cidade. Deste modo espero me dê 30 mil francos, pois a obra é classica a juizo dos entendidos, e este é o meu plano.»

O tabellião, prevendo as consequencias, todo pallido, disse: «Não fará isto! ahi tem uma letra de 30 mil francos».

E sem demora foi buscar o malfadado retrato e, chegando em casa, com um pontapé furou-o e com uma faca acabou de pical-o em mil pedaços, maldizendo a hora em que teve a ideia de fazer-se retratar.

O pintor ficou com os 3 mil francos do primeiro ajuste, mandando o resto da importancia para a caixa dos indigentes, mui satisfeito de ter bem castigado um sovina de marca.

Y.

Mez do S. Coração de Jesus

PATRIMONIO DO BISPADO

Na qualidade de Director do Apostolado do S. Coração de Jesus, venho, no meu nome e do das Zeladoras da mesma santa instituição, apresentar sinceros agradecimentos ao Rev.^{mo}. P.^o. João Manfredo Leite, que gentilmente accedeu ao convite para prégar por occasião do encerramento do Mez do S. Coração de Jesus, na nossa Igreja Matriz.

Eguaes agradecimentos dirijo ás exmas. senhoras e cavalheiros que tomaram parte no grupo cantante e musical que, no côro, executou durante as novenas do referido mez.

A todas as pessoas que tão effizantemente concorreram para o brilhantismo do bazar em beneficio do patrimonio do Bispado de Santa Catharina, apresento os protestos do meu reconhecimento.

A' prestimosa directoria da benemerita sociedade Liga Operaria Beneficente testemunho minha gratidão por ter cedido o salão da mesma associação, para nelle realisar-se o bazar.

A' distincta Philharmonica Operaria deixo tambem consignados meus agradecimentos pelo brilhante concurso que levou ao mesmo bazar.

Florianopolis, 7 de Julho de 1903.—Padre Francisco Topp, Director do Apostolado.